



CONCEPÇÕES E PRÁTICAS AVALIATIVAS DO DOCENTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lais Rodrigues Pereira ¹
Juliana de Souza Costa ²

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz resultados levantados durante uma saída de campo realizada na disciplina de Didática Fundamental na Universidade de Brasília. Para sua elaboração partiu-se da premissa de que a avaliação educacional é parte do processo educativo. Em uma perspectiva formativa, ela deve ser contínua e processual. Isto é, não deve ser pontual e/ou feita ao final do processo como forma de aprovar, atribuir notas e classificar os estudantes. Além disso, pressupõe-se que a pluralidade de instrumentos pode possibilitar aos estudantes expressarem de diferentes formas o conhecimento construído no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, buscou-se analisar o funcionamento da avaliação no cotidiano escolar em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do Distrito Federal. Também teve como objetivo compreender a concepção do docente com relação à prática avaliativa e os instrumentos que podem ser utilizados nesse processo, tendo como problema de pesquisa: como os instrumentos de avaliação podem a partir da avaliação formativa beneficiar os educandos?

Para isso, optou-se por uma abordagem qualitativa, utilizando como procedimentos de levantamento de dados: análise documental do Projeto Político Pedagógico da escola, observação de aula e entrevista com docente. O referencial teórico da pesquisa baseia-se em Chueiri (2008), Lima (2017) e Villas Boas (2001, 2019).

Sabe-se que ainda hoje “se avalia para dar nota e para aprovar ou reprovar os alunos” (VILLAS BOAS, 2001, p. 77). Isso acontece excessivamente devido à lógica das avaliações externas que além de diagnosticar a qualidade do ensino vem sendo usada sobretudo de maneira quantitativa. Muitas vezes, valorizando os números, promovendo rankings, comparação e competição entre escolas, contrariando um dos objetivos da educação, que é o de promover a aprendizagem de todos. Portanto, faz-se necessário estudos e pesquisas que

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, laislaldf@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, julianacostaunb@gmail.com.



abordem outras alternativas de avaliação, as quais sejam pensadas em prol da aprendizagem dos estudantes e de um ensino significativo.

Os resultados encontrados demonstraram que a utilização de apenas um instrumento ou procedimentos não oportuniza ao estudante demonstrar as diferentes capacidades e habilidades que possui. Contudo, ao trazer um leque de instrumentos avaliativos, o professor proporciona ao estudante meios para que ele exponha seus conhecimentos de diversas maneiras, proporcionando mais momentos de averiguar se a turma conseguiu assimilar e aprender os conteúdos. A autoavaliação foi evidenciada como um desses instrumentos, sendo um suporte que agrega ao processo de ensino-aprendizagem, pois, pode auxiliar à conscientização do aluno sobre seu desenvolvimento, podendo motivá-lo a melhorar seu empenho escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa, de abordagem qualitativa do tipo estudo de caso (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), teve como procedimentos: análise documental do Projeto Político Pedagógico, observação de aula em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental e entrevista semiestruturada com a professora regente. A observação foi realizada em uma escola pública do Distrito Federal chamada Mundinho Mágico (nome fictício). A turma tinha 20 estudantes, sendo 13 meninas e 7 meninos, com idades entre 10 e 11 anos. A professora Margarida (nome fictício) tinha 44 anos, possuía 26 anos de Magistério, era formada na Escola Normal, licenciada em Ciências e Matemática e pós-graduada em Psicologia.

REFERENCIAL TEÓRICO

A avaliação educacional, parte do processo de ensino-aprendizagem, pode ser realizada de diversas maneiras, com variados instrumentos e procedimentos avaliativos, que estão associados às concepções do docente acerca da mesma (CANDAU, 2014). Ela emerge para averiguar se os objetivos de aprendizagem propostos para a etapa/ano foram alcançados.

De acordo com as Diretrizes de Avaliação Educacional: aprendizagem, institucional e em larga escala (2018), o ato de avaliar não consiste apenas na aplicação de testes ou exames e menos ainda se resume a um instrumento de medida. Mas, serve para obter informações e tornar possível novas intervenções no ensino. Cabe ressaltar que a “avaliação e aprendizagem estão sempre atreladas” (VILLAS BOAS, 2019, p. 15), por isso pode-se afirmar que “enquanto se avalia se aprende e enquanto se aprende se avalia” (Idem, 2006).



As Diretrizes de Avaliação (2018) também apresentam três modalidades de avaliação: a diagnóstica que serve para avaliar o conhecimento do aluno; a somativa que verifica o desenvolvimento dos educandos e determina se eles têm conhecimentos e competências suficientes para seguir aos anos seguintes. E, por fim, a formativa voltada para observar como o aluno desenvolve seus aprendizados, capacidades cognitivas e físicas, valores e competências.

A avaliação somativa é uma avaliação das aprendizagens enquanto a formativa é uma avaliação para as aprendizagens (VILLAS BOAS, 2019). Essa diferenciação é importante para entender que a avaliação é necessária para além da atribuição de notas e classificação dos alunos. Avaliar deve ser um processo contínuo e processual, o qual visa diagnosticar o aprendizado e o desenvolvimento educacional dos estudantes através do uso de diferentes estratégias. Além disso, ao ser avaliado o estudante deve ser referência dele mesmo.

Sendo assim, existem diferentes níveis e tipos de práticas de avaliação, tal qual, há inúmeros instrumentos e procedimentos avaliativos, como: provas, estudo dirigido, trabalhos em grupos, seminários, portfólios, debates, rodas de conversa, resolução de problemas, desenhos, autoavaliação, *feedback*. Cabe, portanto, ao professor a escolha consciente, para que o aprendizado e desenvolvimento do aluno possa ser avaliado da melhor forma possível.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A observação ocorreu em um momento de finalização do bimestre, enquanto a turma realizava uma autoavaliação. Nela cada estudante tinha a oportunidade de refletir sobre seu comportamento, atitudes, condutas em sala de aula e empenho nos estudos. A atividade consistia em dividir uma folha A4 em 8 partes e se avaliar, de acordo com os critérios estabelecidos pela professora, desenhando estrelas: uma para bom; duas para muito bom; e três para ótimo. Ainda, caso considerassem que seu comportamento foi ruim, não precisariam colocar nenhuma estrela.

As perguntas elaboradas pela professora para que a turma refletisse foram: “sou pontual?”, “cumpro as tarefas de sala e mostro para a professora?”, “respeito a professora e meus colegas?”, “mantenho a sala limpa e arrumada?”, “procuro não conversar desnecessariamente?”, “estudo para as provas?”.

Ao terminarem a autoavaliação, a professora anexou a folha no portfólio de cada estudante para entregar aos seus responsáveis no dia da reunião de pais. Essa prática gera *feedback* (retorno) à professora e aos pais sobre como os próprios estudantes percebem seu



empenho e desenvolvimento durante o bimestre. Vale ressaltar que essa autoavaliação é dialógica entre professor e aluno, pois, juntos avaliam se de fato foi uma avaliação fidedigna.

Em entrevista, a professora destacou que considera a avaliação educacional um momento enriquecedor tanto para o professor quanto para o estudante. Entendendo-a como um medidor, onde é possível perceber as etapas que foram conquistadas pelos estudantes e quais eles ainda precisam alcançar. Traçando-se, a partir disso, estratégias em prol da conquista do que ainda não foi alcançado.

Esse pensamento dialoga com o Projeto Político Pedagógico da escola (2018, p. 33) quando ele esclarece que “[...] a avaliação ajuda o educando a progredir na aprendizagem e o professor aperfeiçoar sua prática pedagógica.” Além de também entender a avaliação como processual e contínua, visando considerar o estudante como um todo, isto é, um ser integral. Nesse sentido, a avaliação formativa se apresenta como um processo que promove as devidas intervenções didáticas e pedagógicas, quando necessário, para que as aprendizagens se efetivem, favorecendo o desenvolvimento dos estudantes (VILLAS BOAS, 2019).

É diante desse contexto, que a autoavaliação proposta pelo docente, se faz de extrema importância para que o estudante possa “refletir sobre o que está aprendendo, o que ainda não aprendeu, o que fez para que aprendesse e o que ainda pode ser feito para que aprenda” (LIMA, 2017, p. 170). Além disso, ele também pode acompanhar o seu desenvolvimento e saber em que aspectos ainda precisa melhorar para alcançar os objetivos propostos para a etapa/ano. Isso porque, o processo de se avaliar “caminha na perspectiva de superação das limitações ou dificuldades inerentes ao processo de aprender” (PERRENOUD, 1999 *apud* LIMA, 2017, p.172).

Desse modo, a autoavaliação se torna imprescindível à avaliação formativa e conforme afirma Lima (2017) é um ato de ética e sinceridade consigo e com o outro. Por isso, ela pode ser um desafio para a criança que está se desenvolvendo e se conhecendo. Em entrevista, Margarida destacou que as crianças costumam ser honestas nas respostas e que a autoavaliação é uma forma de reconstrução do comportamento dos estudantes e de construção de valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação escolar pode cumprir dois papéis de acordo com Villas Boas (2001), o de classificar o aluno por meio de notas ou menções e o de promover sua aprendizagem. Infelizmente, encontram-se fortes traços da avaliação classificatória, seletiva e excludente na base da educação escolar. Entretanto, é fazendo uso da avaliação formativa que se “promove a



aprendizagem do aluno, do professor e o desenvolvimento da escola” (Idem, 2001, p. 77). Nesse sentido, a autoavaliação é um dos aliados na conscientização do processo de aprendizagem, também servindo como um *feedback* ao docente sobre a efetivação do processo de ensino e de como o aluno enxerga o seu desenvolvimento.

Entretanto, apesar da avaliação formativa ser a ideal para a aprendizagem significativa dos alunos, é necessário encontrar um equilíbrio entre ela e as avaliações somativa e diagnóstica, de modo que nenhuma se sobreponha a outra, mas que se complementem. Deve-se então, encontrar meios diversificados para avaliar os conhecimentos, as competências, habilidades e o desenvolvimento dos estudantes, de modo que esses não sejam prejudicados devido à escolha do método avaliativo do docente.

Esse equilíbrio provém da ideia de que seria uma utopia acreditar que apenas a avaliação formativa seria suficiente para inserir a criança no sistema educacional brasileiro, o qual é maior e mais complexo. O sistema exige comprovação de aprendizagem dos estudantes através de notas e boletins, a fim de qualificar e classificar o aluno. Além do mais, o sistema posteriormente exige determinado desempenho em avaliações, como vestibular e exames para ingresso na faculdade ou concurso público.

Diante disso, cabe salientar que o papel social da escola é proporcionar aprendizagens dos conhecimentos historicamente acumulados e de importância social, assim como, contribuir para a formação do cidadão, possibilitando a sua inserção social e crítica na sociedade, a qual só será alcançada se a avaliação estiver a serviço das aprendizagens de todos.

Por fim, sabe-se que a avaliação não existe e não opera por si mesma, mas está sempre a serviço de um projeto, sendo determinada pelas concepções que fundamentam a proposta de ensino e a organização da aula (CHUEIRI, 2008). Deste modo, faz-se necessário buscar meios para que a avaliação seja utilizada em prol da educação significativa e de qualidade.

Palavras-chave: Autoavaliação, Avaliação educacional, Instrumentos de avaliação, Práticas Avaliativas.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. Concepções sobre a avaliação escolar. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, v. 19, n. 39, p. 49-64, 2008.



DISTRITO FEDERAL. SEDF. **Diretrizes de Avaliação Educacional:** aprendizagem, institucional e em larga escala. Brasília-DF, 2018.

LIMA, Erisevelton Silva. Autoavaliação: Aliada da avaliação formativa. In: VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (org.) **Avaliação:** Interações com o trabalho pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 2017.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: E. P. U., 1986.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNDINHO MÁGICO. Brasília-DF, 2018.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Avaliação formativa e formação de professores:** ainda um desafio. Linhas Críticas, Brasília, v. 12, n. 22, p. 159, 2001.

_____. **Avaliação é aprendizagem:** como entender a avaliação formativa na formação de professores? 2006. Disponível em: < <https://www.benignavillasboas.com.br/avaliacao-e-aprendizagem-como-entender-a-avaliacao-formativa-na-formacao-de-professores/> > Acesso em: 20 set. 2020

_____. Esmiuçando a avaliação formativa. In: VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (Org.) **Conversas sobre avaliação.** Campinas-SP: Papirus, 2019.